

A atual distribuição do estoque de investimento externo direto (IED) na América Latina ilustra didaticamente a diferença entre o velho colonialismo e o atual imperialismo global. O sistema colonial foi uma das principais características da primitiva fase de submissão formal do trabalho ao capital – predominância da mais-valia absoluta na totalidade do sistema. O atual sistema imperialista é uma das principais características da fase de submissão real do trabalho ao capital – predominância da mais-valia relativa na totalidade do sistema.

Na primeira fase do modo de produção capitalista, a exploração das metrópoles sobre as colônias ocorria através da quase totalidade dos investimentos externos em atividades agrícolas e extrativas minerais. A exportação de produtos primários – commodities agrícolas e minerais – e importação de produtos manufaturados centralizava a dinâmica do sistema colonial. Enclaves de agronegócio e extrativismo primário embalados pela ideia das “vantagens comparativas” de Ricardo.

O processo histórico muda de qualidade. Do agronegócio e do capital financeiro do protocapitalismo ao sistema global produtor de valor e de mais-valia da segunda etapa do modo de produção especificamente capitalista. Produção industrial global de valor e de mais-valia, fase suprema do capitalismo. Agora, a globalização do capital se realiza com a implantação de novos espaços de valorização (produção de mais-valia) em todos os poros do mundo. Dos enclaves primário-exportadores para a cidade global. Globalização radical do exército industrial de reserva. Camponeses, aldeões e índios nacionais repentinamente metamorfoseados em classe operária industrial sem pátria.

Na paisagem geográfica global a exploração imperialista das economias dominantes sobre as dominadas, ao contrário daquela primeira etapa colonialista, ocorre com a quase totalidade dos investimentos externos aplicada em atividades industriais manufatureiras e serviços auxiliares desta mesma indústria – serviços de utilidade pública como eletricidade, gás, transportes urbanos, de carga, telecomunicações, comércio varejista e atacadista, construção civil. Vejamos como isso se passa, observando primeiramente recentes números desta repartição dos investimentos imperialistas entre as nações latino-americanas.

O Brasil é disparadamente o principal destino do capital imperialista ao sul do Rio Grande. Concentra sozinho cerca de 40% do total de IED instalado na América Latina. Ou 55% do IED instalado na América do Sul. O México, na segunda colocação, concentra 20%. A Argentina, cerca de 6%. Quer dizer, as três maiores economias da América Latina concentram mais de dois terços (66%) do capital imperialista instalado nesta importante área dominada. Se for somado o 12% de participação do Chile, sobra pouco mais de 20% para as demais economias do continente. Estamos falando de razoáveis economias como Colômbia (7%), Peru (4%),

Venezuela (1,6%)...

As três maiores e mais densamente industrializadas economias do continente atraem mais de dois terços do capital imperialista. As demais economias, marcadamente primário-exportadoras, ficam com a sobra. Deste modo, o pêndulo da exploração imperialista transforma historicamente as grandes áreas dominadas do mercado mundial em produtoras de oceânicas massas de mais-valia e lucros industriais. Como já demonstramos anteriormente, esse movimento age como fator que se contrapõe poderosamente à queda da taxa geral de lucro e crises periódicas de superprodução do capital global.

Para comprovar melhor essa mudança de marcha da acumulação do capital vejamos essa característica repartição do capital imperialista no interior da maior economia da América Latina. Quais os setores da economia brasileira que mais atraem e concentram o capital imperialista? Errou quem ainda insiste em apostar nas atividades primárias - agricultura, minérios, petróleo - ou financeiras. De acordo com dados do Banco Central do Brasil, o que se verifica é a seguinte participação dos principais setores e respectivos ramos no capital do investimento externo direto (IED) instalado no país.

**- Agricultura e Extrativa Mineral. 18.1 %.**

Extração de Petróleo/Gás Natural. 8.9%.

Extração de Minerais Metálicos. 6.8%.

Agricultura, Pecuária e Produtos Florestais. 2.4%.

**- Indústria de Manufaturas. 38.1%.**

Veículos Automotores. 10.7%.

Máquinas e Equip. 5.3%.

Produtos Químicos. 4.4%.

Prod. Min. n/ Metálicos. 2.7%.

Metalurgia. 2.6%.

Prod. Alimentícios. 2.6%.

Outros ramos. 10.8%.

**- Serviços. 43.4%**

Comércio. 10.0%

Atividades Imobiliárias. 4.1%

Eletricidade, Gás e Outras Utilidades. 4.0

Armazenamento e Atividades Auxiliares de Transporte. 2.8%

Serviços Financeiros. 2.5%.

Telecomunicações. 2.1%

Outros ramos. 17.9%.

Mesmo que dentro apenas do tradicional setor “Agricultura e Extrativa Mineral” (18,1% do total do capital externo instalado na economia), os ramos ligados à agricultura, pecuária e produtos florestais, que constituem o núcleo do ‘agronegócio’ propriamente dito, registram presença relativamente baixa de capital externo (2.4%). Em um ranking de todos os ramos da economia (incluindo Indústria e Serviços), o “agronegócio” aparece apenas na 11<sup>a</sup> colocação.

Por seu lado, o setor “Indústria de Manufaturas”, núcleo determinante da dinâmica econômica nacional, atrai mais de 38% do capital externo instalado. Se forem somados outros ramos industriais – como “Eletricidade, Gás e Outras Utilidades”, “Construção Civil”, “Obras de Infraestrutura”, “Transporte”, “Armazenamento”, “Telecomunicações”, etc. – contabilizados na listagem acima sob a rubrica de “Serviços”, a totalidade da esfera industrial propriamente dita, produtora de valor e de mais-valia, recebe mais de 70% do capital externo internalizado na economia. É isso que caracteriza a moderna exploração imperialista, onde a águia faz o ninho.